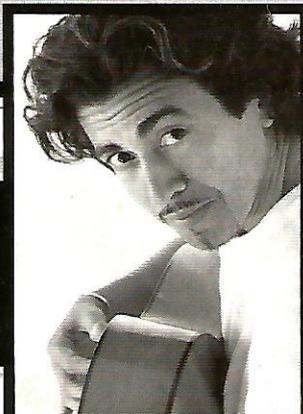


Word nylon Experiências

Z E Z O R I B E I R O



ZEZO RIBEIRO é violonista, radicado na Espanha há seis anos e possui dois CDs-solo lançados na Europa e EUA, ao lado de John Patitucci, Paulinho da Costa, Eric Marienthal, Heitor TP, Elba Ramalho e Dori Caymmi, entre outros.
E-mail: zezo@ole.com
www.zezoribeiro.com

Este mês gostaria de tecer alguns comentários sobre as prováveis conexões entre a técnica flamenca e a MPB. Claro, revisando o material didático dos meses anteriores.

Acredito que os pontos fortes dessa conexão estejam na música do nordeste brasileiro e, em alguns casos, na música sulista também em alguns choros.

Durante os sete anos de Espanha, pude aprofundar meus conhecimentos e chegar a algumas conclusões bastante sólidas, que gostaria de passar para vocês.

Antes de tudo, queria enfatizar a postura da mão para este discurso melódico e rítmico. Vocês se lembram do *bico de pato*? Aquela postura com o apoio do polegar na sexta corda é fundamental para viajarmos pelos dois mundos, o flamenco e o brasileiro. Tenho observado que a tensão é a grande inimiga do desenvolvimento técnico. Quanto mais lento e relaxado estudamos - e se agregarmos a tudo isso as unhas curtas - isso resultará na evolução e na aquisição de nosso limite de velocidade. Faço menção às palavras do meu maestro, o gitano El Entri: essa técnica existe dentro do flamenco, não significa que todos a tenham. Ter isso consciente ajuda muito a

observar nossos limites e respeitá-los. Claro, sempre deve haver um estímulo. Proponho escolher um tema qualquer que vocês gostem, por exemplo, de música nordestina, alguma da família de "Eu Só Quero um Xodó" ou "Disparada". Nos choros, algo da família de "Odeon" ou "Magoado". Daí, antes de tudo, visualizar como seria a execução com a técnica flamenca, imaginem os picados lentamente bem colocados, os *arpeggios* sonoros e vibrantes, os *arpeggios* picados tocados sempre quebrando a primeira falange dos dedos da mão direita, e os *rasgueos* coerentes com os remates, breques e passagens de cada música.

Escolhendo a música para estudo e visualizando sua execução, vamos ao segundo passo, a execução prática. Procurem cortar as unhas e tocar bem entre a boca e o cavalete do violão, procurando o som bonito, metálico, som de vidro quebrado.

Utilizem um metrônomo com a velocidade

bem confortável, a ponto desta velocidade propiciar o relaxamento máximo de mãos, cotovelos, ombros e pescoço. Procurem não deixar nenhum tipo de ruído incomodar, justamente para que o nível de concentração possa ser elevado.

Para aqueles que tiverem um seqüenciador melhor, ou bateria programada, também vale. O fundamental é buscar uma nova execução, sair do convencional, inserir a personalidade de cada um. Isso é o que a técnica flamenca

Imaginem-se colocando uma semente no solo, todos ao dias regando e aparando as folhas e esperando o tronco firmar. Acontece o mesmo com o estudo dessa técnica, temos que esperar o tempo para a colheita, no começo é tudo lento, mas o fruto nasce, isso é certo

favorece e propicia, e muito.

É fundamental pisar todas as notas com a mão esquerda e com cada dedo da mão direita, firmar o som, lento e relaxado. Imaginem-se colocando uma semente no solo, todos ao dias regando e aparando as folhas e esperando o tronco firmar. Acontece o mesmo com o estudo dessa técnica, temos que esperar o tempo para a colheita, no começo é tudo lento, mas o fruto nasce, isso é certo. Só não vale arrancar o fruto antes, ele terá sabor amargo e isso será um desperdício do tempo investido. Pude observar também que a mão direita, com esse tipo de trabalho, vai ficando mais forte e pedindo a utilização desta força, mas é aí que se deve conter o espírito e continuar trabalhando lentamente. A mão deve estar "cangonga", solta, para evitar contraturas musculares inconvenientes. A mão relaxada funciona como um escudo contra torções e qualquer choque. Trabalhem no relaxamento e

no som, aí reside o avanço. Proponho alternar o estudo com alongamentos freqüentes.

Ao mesmo tempo em que estamos buscando e construindo nosso som pessoal, estamos contendo o ímpeto inicial de tocar rápido. Nessa etapa se faz necessária a aquisição desses aparatos técnicos. Uma boa forma de conter esse ímpeto é estudar em frente ao espelho. Assim podemos prestar atenção na postura geral, e desfocar de pontos conflitivos, como a busca da velocidade, o som - que pode nesse

estágio não estar potente - ou a falta de expressividade e atitude. Outra boa maneira de distrair é gravar o que estamos estudando e, depois de um certo tempo, escutar e fazer uma análise sensata do nosso som e de como estamos evoluindo. Um elemento que nos tira imediatamente dessa neurose positiva de estudar por horas, no caso da técnica flamenca, é tocar algum ritmo e usar os simultâneos para puxar três cordas de uma só vez. Isso relaxa muito e possibilita a entrada e saída nos dois mundos, o flamenco e o brasileiro. Comparar nosso som com os grandes mestres também é uma excelente forma de buscarmos parâmetros para nosso desenvolvimento. Para

isso é interessante gravar o que estamos tocando ou estudando. Outra manha é de vez em quando, vejam lá, de vez em quando, soltar a rédea e tentar correr. É um jeito de pouco a pouco irmos verificando nossa evolução. Enfim, é só tocar relaxado, deixar a mão direita em *bico de pato*, quebrar as primeiras falanges dos dedos, pisar com a mão esquerda todas as notas no braço do violão, deixar as unhas curtas, colocar o metrônomo numa velocidade confortável, fazer soar um choro ou um baião que nos agrada, e de vez em quando provar a velocidade, ver se está florescendo.

Abraço do mês:

Quero mandar um abraço muito especial para dois nomes importantes do violão flamenco atual, são brasileiros e representam muito bem, sem dever nada a ninguém, nosso país na Espanha, os grandes: Fernando dela Rua e David Tavares.